

O mito da biografia ou sobre a impossibilidade da teologia política¹

Emanuele Coccia (EHESS-França)²

Resumo

O ensaio parte de uma análise de uma carta de Sigmund Freud a Arnold Zweig, na qual Freud afirma que toda biografia é uma forma de mentira e de hipocrisia. Numa tentativa de reconstruir uma história da pesquisa erudita e filológica sobre o gênero biográfico, o autor mostra que a filologia sempre subestimou uma fonte fundamental para conhecer a história da biografia: os evangelhos. Depois de brindar provas retóricas, filológicas, históricas e teológicas da necessidade desta opção retórica da teologia cristã, o autor propõe o problema das consequências do fato de que nas bases da civilização ocidental não se encontra qualquer poema mitológico sobre as gestas dos deuses, nem uma obra épica e tampouco existem códigos propriamente jurídicos, senão quatro breves escritos biográficos. Ao final se mostra quais são as consequências destrutivas deste fato para toda forma de teologia política.

Palavras-chave: Biografia; Teologia política; Cristianismo; Sigmund Freud; Psicanálise.

Abstract

The text moves from the analysis of a letter of Sigmund Freud to Arnold Zweig. In this letter, Freud says that every biography is a form of lie and hypocrisy. In order to reconstruct the history of the erudite and philological investigation about the biographical genre, the author shows that philology did neglect a fundamental source for the history of biography: the gospels. After having collected rhetorical, philological, historical and theological proofs of the necessity of this rhetorical option of Christian Theology, the author discusses the problem of the consequences of the fact that at the very origin of Western Civilization there is not a mythological poem nor an epic work, nor a juridical code, but four short biographical writings. The conclusion discusses the destructive consequences of this fact on the idea of political theology.

Keywords: Biography; Political Theology; Christianity; Sigmund Freud; Psychoanalysis.

1. Ensaio escrito originalmente em castelhano; tradução ao português por Jorge Wolff.

2. O autor agradece a Fabián Ludueña Romandini por sua ajuda generosa na revisão do texto.

3. ZWEIG, Arnold. “Brief an Sigmund Freud”, 25.4.1936. In: FREUD, Sigmund; ZWEIG, Arnold. *Briefwechsel*, 1984, p. 135: «Ich trage mich die ganze Zeit schon mit dem Gedanken, Ihre Biographie zu schreiben – wenn Sie einverstanden sind».

4. FREUD, Sigmund. *Brief an Arnold Zweig*, 31.5.1936, *ibid.* P. 137: «Wer Biograph wird, verpflichtet sich zur Lüge, zur Verheimlichung, Heuchelei, Schönfärberei, und selbst zur Verhehlung seines Unverständnisses, denn die biographische Wahrheit ist nicht zu haben, und wenn man sie hätte, wäre sie nicht zu gebrauchen. Die Wahrheit ist nicht gangbar, die Menschen verdienen sie nicht, und übrigens[,] hat unser Prinz Hamlet nicht recht, wenn er fragt, ob jemand dem Auspeitschen entgehen könnte, wenn er nach Verdienst behandelt würde? Sie, der so viel Schöneres und Wichtigeres zu tun hat, der Könige einsetzen kann und die gewalttätige Torheit der Menschen von einer hohen Warte her überschauen. Nein ich liebe Sie viel zu sehr, um solches zu gestatten».

5. Sobre este debate, até as discussões metodológicas sobre a micro-história cf. agora o esplêndido livro de Sabina Loriga, *Le petit x. De la biographie à l’histoire*, 2010.

6. Cf. COURCELLE, Pierre. *Connais-toi toi-même de Socrate à Saint Bernard*, 1974-1975; TRÄNKLE, Hermann. “*Gnothi seauton. Zu Ursprung und Deutungsgeschichte des delphischen Spruchs*”, In: *Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft*, 1985, p. 11 : 19-31.

Numa carta enviada no dia 25 de abril de 1936, Arnold Zweig propõe se transformar no futuro biógrafo de seu amigo Sigmund Freud. “Tenho a intenção, já faz algum tempo, de redigir sua biografia”, escreveu-lhe ingenuamente³. A resposta de Freud, depois tornada célebre, é de uma violência que não surpreende. “Quem se faz biógrafo”, escreve Freud rechaçando com firmeza a proposta de Zweig,

se obriga à mentira, ao segredo, à hipocrisia, à idealização e também à dissimulação de sua própria incompreensão, porque não se pode alcançar a verdade biográfica, e mesmo se fosse alcançada, não se poderia utilizá-la. A verdade [biográfica] não é praticável e os homens não a merecem. De resto, nosso príncipe Hamlet não tinha por acaso razão quando perguntava se alguém poderia escapar ao chicote caso fosse tratado segundo o mérito?⁴

Nos últimos cento e cinquenta anos, a partir do célebre escrito de Nietzsche sobre *Verdade e mentira no sentido extramoral* [*Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinn*, 1872] a cultura europeia expressou mais de uma vez um profundo ceticismo em relação à possibilidade que tem um sujeito de enunciar uma verdade sobre sua própria vida⁵. No entanto seria difícil encontrar, mesmo na obra de Freud, uma formulação mais *precisa*, mais amarga e talvez mais radical desta suspeita: nestas linhas mesmo o sentido da prática psicanalítica parece ser posto em dúvida. Nelas, de fato, a impossibilidade de uma verdade biográfica é declinada em todas suas dimensões: a dimensão epistemológica, a prática e a moral.

Em primeiro lugar, segundo Freud, dizer algo sobre a própria vida é, *ipso facto*, pronunciar uma mentira. Cada vida individual não tolera o fato de ser desvelada, e se mantém em uma esfera de segredo absoluto: a verdade biográfica é então *epistemologicamente* inalcançável.

Freud reforça a impossibilidade epistemológica da verdade biográfica com sua impossibilidade *moral*: mesmo que fosse possível alcançá-la, ninguém poderia traduzir este saber em ação. Mesmo que houvesse um conhecimento verdadeiro sobre a própria existência e a dos outros, seria muito mais próximo a um saber de tipo *matemático* do que a um saber prático. O segundo corolário não é menos radical que o primeiro, pois a afirmação da impossibilidade de toda qualificação biográfica de um saber conduz à negação de toda forma ética ou de política, as quais, como testemunha uma antiga tradição platônica, não são senão uma consequência do oráculo de Delfos⁶: recusar a biografia significa deslegitimar todo saber que não seja matemático.

A vida em si mesma parece estar então excluída de toda forma de *parresia*; ao contrário, mesmo que pudesse enunciar uma verdade, ela nunca poderia pertencer à vida. No entanto, a fúria destruidora de suas linhas não se detém aqui. Freud acrescenta que, mesmo no caso em que uma verdade biográfica qualquer acabasse por exercer influências sobre uma vida, não se trataria de efeitos benéficos ou virtuosos mas de uma espécie de maldição. Saber algo sobre si mesmo é sempre receber “um golpe de chicote”, e de nenhum modo alcançar uma beatitude. O conhecimento de si mesmo, então, não corresponderia a nenhuma perfeição moral; o uso da verdade não é somente declarado impossível: é *moralmente indigno*.

A força e o alcance do que se poderia chamar “teorema da impossibilidade da verdade biográfica” enunciado por Freud são dificilmente subestimáveis. Com efeito, seria ingênuo, e em parte inexato, divisar nele uma simples confirmação das teses desenvolvidas e praticadas no edifício da psicanálise: a violência destruidora destas linhas não tem nada a ver com as intenções, no fundo sumamente filantrópicas, de qualquer forma de *terapia*. Certamente, a psicanálise parece ser uma consequência direta da impossibilidade de uma verdade biográfica imediata. No entanto, ela é também a tentativa de explicar e de superar a fisiologia desta impossibilidade. Com certeza, isto pressupõe que o que torna possível o desenvolvimento de toda vida espiritual é a *vontade de mentira*, porque permite estruturar o mundo interior e modelá-lo de maneira não isomórfica em relação ao exterior. No entanto, a prática psicanalítica não apenas tem de crer na possibilidade de conseguir algum tipo de verdade biográfica (sobre si mesmo e os outros), assim como não pode, sobretudo, recusar o valor prático, moral e antes terapêutico da verdade. A *terapia* psicanalítica, então, não é somente a tentativa de fazer da verdade biográfica algo alcançável e praticável, mas também a crença no *poder salvífico e beatífico* da verdade.

Seria igualmente ingênuo catalogar o teorema como a enésima denúncia do caráter ficcional do relato autobiográfico, ou de divisar nele uma forma de desconstrução *ante litteram*: ao contrário, nele se mostra toda a falta de radicalidade do projeto desconstrucionista. Se está claro que o que está em jogo não pode ser uma simples verdade antropológica – porque neste caso o teorema seria, de fato, contraditório em si mesmo ou expressaria a banal e insípida oposição entre a consciência da espécie e a impossibilidade de conhecer o individual – é igualmente evidente que negar a possibilidade de praticar uma verdade biográfica significa negar a possibilidade também de um uso ficcional desta verdade. Pois, na realidade, quem rechaça a possibilidade de alcançar uma verdade sobre a vida dos homens, rechaça ao mesmo tempo toda possibilidade de

7. PROUST, Marcel. *Le temps retrouvé. À la recherche du temps perdu*, 1989, p. 477: «je sentais se presser en moi une foule de vérités relatives aux passions, aux caractères, aux moeurs».
8. Sobre a questão da biografia em Dilthey cf. agora o importante livro de Francesca D'Alberto, *Biografia e filosofia: la scrittura della vita in Wilhelm Dilthey*, 2005.
9. MISCH, Georg. *Geschichte der Autobiographie* IV Bde, 1969 [1907].
10. Sobre Usener, cf. ARRIGHETTI, G. (ed.), *Aspetti di Hermann Usener, filologo della religiones*, 1982.
11. BRUNS, Ivo. *Das literarische Porträt der Griechen*, 1896; Idem. *Die Persönlichkeit in der Geschichtsschreibung der Alten. Untersuchungen zur Technik der antiken Historiographie*, 1898.
12. Friedrich Leo, *Die griechisch-römische Biographie nach ihrer litterarischen Form*, 1901.
13. Uma das teses de Leo, a do desenvolvimento histórico de uma dupla forma de biografia, a que descreve as personalidades políticas ou filosóficas que adota um *modus narrandi* cronológico, e outra (difundida sobretudo na tradição peripatética e da gramática alexandrina) que se concentra nas personalidades literárias, com uma caracterização sistemática das marcas psicológicas individuais, foi várias vezes criticada. Cf. por exemplo MOMIGLIANO, Arnaldo, “Marcel Mauss e il problema della persona nella biografia greca”, in *Ottavo contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico*, 1987, p. 179-90. No entanto nenhum outro filólogo (e tampouco Momigliano em sua célebre monografia) alcançou

literatura. Se, como disse Proust, escrever um romance significa “sentir comprimir-se em si mesmo uma multidão de verdades sobre as paixões, os caracteres, os costumes”⁷, este teorema implicará a destruição da literatura em sua totalidade. Se não há uma *verdade biográfica*, tampouco pode haver uma verdade romanesca: como seria possível pensar em desenvolver caracteres, histórias, se a verdade sobre os caracteres e o destino dos homens não é praticável?

Em sua radicalidade, estas linhas permitem sopesar toda a centralidade do papel que a verdade biográfica (e então a biografia em todas suas formas) joga no sistema dos saberes no Ocidente. Negar sua possibilidade, acabamos de vê-lo, significa estar obrigado a delinear uma nova antropologia (porque o *Homo sapiens* já não poderia mais utilizar o saber e a verdade para si mesmo e para os outros), a destruir toda forma de política mas também de moral e de terapia e, afinal, destruir toda forma de arte mimética: os princípios e as formas culturais europeias em sua totalidade estariam condenadas à ruína.

Se negar a verdade de um relato biográfico conduz ao suicídio do espírito objetivo, à diferença do que os filólogos e os historiadores da literatura se obstinam em pensar, a biografia já não poderá ser considerada como *um* dos muitos gêneros literários praticados no Ocidente, nascido mais ou menos casualmente em um jogo literário: ela parece ser, antes, o centro escondido de todo conhecimento prático, político e literário de nossa cultura. Pelo menos dentro dos limites da cultura europeia, o *Homo sapiens* é *sapiens* somente porque é um animal «capaz de biografia». Por que, então, estamos acostumados a lhe dar algum lugar nas literaturas modernas? e por que a consideramos somente como um dos gêneros literários? Finalmente, qual é o verdadeiro lugar da biografia no sistema de saber do Ocidente?

Responder a estas perguntas não pode ser fácil: se toda biografia é uma mentira, está claro que sobre a biografia não podem circular mais que fábulas. E de fato, o saber que se acumulou sobre o gênero biográfico no Ocidente parece ser o fruto de uma estranha e curiosa mentira, ainda que seja uma mentira muito especial que estamos acostumados a chamar de mito.

2.

É sabido que os estudos sobre a história da biografia no Ocidente se desenvolveram a partir da escola de Wilhelm Dil-

they. Este nome não é casual: tentando demonstrar que todo conhecimento tem que ser um *Nacherleben*, um viver em um segundo tempo o que o outro (ou os outros) viveram, Dilthey foi, na Modernidade, talvez o filósofo mais comprometido na tentativa de fazer da biografia a máxima forma de escrita filosófica. Foi ele mesmo, no entanto, no final de sua vida, o primeiro a admitir o fracasso de seu projeto, ao negar a possibilidade de uma biografia científica e ao despedir-se da ideia de uma *philosophische Lebensgeschichte*⁸. O ceticismo final do filósofo não tocou seus alunos, que prosseguiram o projeto do mestre. De Georg Misch (que escreveu uma célebre e monumental história da autobiografia⁹) a Hermann Usener¹⁰ (o renomado filólogo de Bonn, cunhado de Dilthey e professor de Aby Warburg), de Ivo Bruns¹¹, o maior editor dos comentários aristotélicos, a Fritz Leo. Foi sobretudo este último, com sua clássica monografia *Die griechisch-römische Biographie nach ihrer literarischen Form* publicada em 1901¹² que brindou a reflexão mais profunda sobre a gênese, a forma e a história da biografia na Antiguidade¹³. Depois dessas pesquisas os eruditos – sobretudo Arnaldo Momigliano¹⁴ – corrigiram os dados históricos falsos e propuseram uma nova organização destes últimos, mas não se afastaram dos princípios propostos pela escola de Dilthey e tampouco puderam lograr a profundidade de sua análise. Leo afirma que a biografia deve seu nascimento ao novo “interesse pela individualidade humana como objeto digno de observação, de estudo, de representação”¹⁵. Ele foi, sobretudo, o primeiro a notar a influência das reflexões morais de Aristóteles e de sua escola na maneira de conceber a vida individual. Segundo Aristóteles, «o *êthos* gera-se no *ethos*, a moralidade [*Sittlichkeit*] do costume e da ação moral»¹⁶. «Em um sentido aristotélico», então,

o *bios* não pode ser representado por meio da enumeração das qualidades, mas é preciso apresentar as ações do homem, para que possa surgir delas seu caráter e essência. [...] A tarefa do escritor não era somente a de narrar uma vida, mas também a de dar uma imagem à personalidade na narração da vida.¹⁷

Segundo Leo é esta atenção à personalidade, muito mais que aos acontecimentos, o que define a novidade da narração biográfica de Plutarco e o que a separa de um simples relato da história. E, devido a isso, pelo fato de que «a narração das *praxeis* serve ao *bios* somente [...] na medida em que é útil para a ilustração do *êthos*»¹⁸, o estilo da crônica desenvolvida ano a ano é substituído por uma narração mais livre, na tentativa de obter a forma de vida de um indivíduo [*eidōs tou biou*]. Ao introduzir as vidas exemplares de Alexandre e de César, Plutarco adverte e roga «aos leitores, que se não referimos todas

uma compreensão tão sutil, rica e refinada do espírito da antiga biografia, para além de seus confins retóricos. Apesar de todos as conquistas posteriores da ciência filológica, a obra-prima de F. Leo continua ainda insuperada.

14. MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Development of Greek Biography. Four Lectures*, 1971; Id., “L’idea di biografia nel pensiero greco”, in *Quaderni urbinati di cultura classica*, 1978, p. 7-27; Id., *Storia e biografia nel pensiero antico*, 1983; Id., “Ancient Biography and the Study of Religion in the Roman Empire”, in *Ottavo contributo*, 1987, p. 239-259; DIHLE, Albrecht. *Studien zur griechischen Biographie*, 1970; Id. *Die Entstehung der historischen Biographie*, 1987; ERLER, Michael; SCHORN, Stefan. *Die griechische Biographie in hellenistischer Zeit*, 2007; EHLERS, Wolfgang Widu. (ed.) *La Biographie antique*. Entretiens sur l’antiquité classique, 44, 1998; GALLO, Italo. *La biografia greca: profilo storico e breve antologia di testi*, 2005.

15. LEO, Friedrich. *Die griechisch-römische Biographie*, 1901, p. 316.

16. Ibidem, 188. O modelo de Plutarco é, segundo Leo, a expressão máxima da influência aristotélica. Cf. p. 190: «Die Biographie, deren Methode und Wesen man so aus der aristotelischen Ethik reconstruieren könnte, liegt rein in der plutarchischen Form der Biographie vor. *Physis* und *paideia* sind in die Einleitung verwiesen; von der Zeit an, wo die *hexis* des über diese berichtet, um so allmählich sein Bild erscheinen und sich in der Erzählung von seinen Thaten abrunden zu lassen. Die Folgerung ist gegeben,

17. Ibidem, p. 189.

18. Ibidem, p. 147ix.

19. Cf. também a introdução à biografia de Nícias: «Portanto, nos feitos de Nícias, referidos por Tucídides e Filisto, já que não é possível passá-los de todo em silêncio, especialmente os que dão a conhecer a conduta e disposição deste homem ilustre, escondidas entre suas muitas e grandes adversidades, tocarei ligeiramente e só no que for preciso; mas os que, normalmente, não são conhecidos, por terem sido separadamente notados por diferentes autores, ou então por terem sido tomados de oferendas e decretos antigos, estes recolherei com esmero, não para tecer uma história inútil, mas sim que apresente bem a índole e os costumes».

20. Svetonius, *August.* 9: «Proposita vitae eius velut summa parte singillatim neque per tempora *sed per species* exequar qua distinctius demonstrari cognoscique possit»; *Caesar* 44: «*talía agentem atque meditantem mors praevenit. De qua prius quam dicam ea quae ad formam et habitum et cultum et mores nec minus quam ad civilia et bellica eius studia pertineant, non alienum erit summatim exponere*».

21. Para uma primeira orientação sobre as diferentes propostas de datação, cf. a obra de SCHNELLE, Udo. *Einleitung in das Neue Testament*, 2011.

as façanhas [*me panta mede kath'hekaston*], nem tampouco nos detemos com muita prolixidade em cada uma das mais celebradas, antes cortamos e suprimimos uma grande parte, não por isto nos censurem e repreendam». «Não escrevemos histórias, mas vidas [*oute gar historias gràphomen alla bious*]» e acrescenta,

nem nas ações mais ruidosas em que se manifestam a virtude e o vício, e sim muitas vezes no fato de um momento, um dito agudo e uma brincadeira servem mais para pintar um caráter do que batalhas em que morrem milhares de homens, numerosos exércitos e se produzem sítios de cidades. Portanto, assim como os pintores se servem para o retrato das semelhanças do rosto e daquelas feições em que mais se manifesta a índole e o caráter, cuidando-se pouco de todo o resto, da mesma maneira deve a nós conceder-nos que atendamos mais aos indícios do ânimo, e que por meio deles desenhemos a vida de cada um [*eidopoien ton ekaston bion*], deixando a outros os fatos de grande pompa e os combates.¹⁹

Em outra obra-prima da biografia antiga, também Suetônio admite a necessidade de abandonar a ordem estritamente cronológica [*per tempora*] do relato para concentrar-se na *species*, na forma, e desenhar com mais precisão os costumes e o rosto do indivíduo²⁰. Em certo sentido, a biografia nasce desta obsessão e desta urgência de compreender uma vida não como catálogo infinito de *erga* e de *praxeis* mas como uma forma de vida, como *tropos biou* ou *biou diagogé*.

3.

Esta reconstrução tão erudita e tão limpa da história da biografia tem só um defeito: repousa sobre um monte de mentiras. É falsa porque é incompleta: os filólogos esqueceram curiosa ou tragicamente algo. Não se trata de um elemento marginal ou secundário: os textos em questão, perfeitamente contemporâneos de Plutarco²¹, são, quantitativamente e qualitativamente, até agora as biografias mais lidas e mais imitadas no Ocidente, e, desde então, as mais importantes. E se a reconstrução dos filólogos é mentirosa, trata-se de uma mentira muito tendenciosa: esta fonte misteriosamente descuidada não é um obscuro texto que acaba de ser arrancado das cavernas do passado. Trata-se, ao contrário, de textos que *todos* no Ocidente, durante séculos, conheceram e leram desde a mais tenra idade. E se em seu valor literário estas obras não podem

ser minimamente comparadas às obras-primas de Plutarco e Suetônio, se trata no entanto dos textos até agora *mais copiados e mais editados* na história codicológica e bibliográfica do Ocidente. Seu êxito quanto a difusão, tradução, comentário, estudo e imitação²² foi extraordinário, amplamente maior que qualquer outro caso no mundo antigo, medieval e moderno (e de um ponto de vista meramente quantitativo segue sendo assim também em nossa época). Trata-se, além disso, dos primeiros textos na história do Ocidente a serem traduzidos a *todas* as línguas faladas no mundo antigo e medieval. Em certo sentido, se trata, se quisermos, do primeiro caso de literatura globalizada de massas. E são textos que ocupam um posto tão particular como importante na cultura ocidental. Trata-se dos evangelhos.

«Quem se torna biógrafo», dizia Freud, «se obriga à mentira, ao segredo, à hipocrisia, à idealização e também à dissimulação de sua própria incompreensão». O teorema de Freud encontra uma inesperada confirmação na tentativa de reconstrução filológica do desenvolvimento do gênero biográfico no mundo antigo. Com efeito, na reconstrução que a filologia clássica há mais de um século entrega como “a verdade biográfica do Ocidente” não é somente falsa e mentirosa como também hipócrita e vítima da idealização que, desde o Renascimento, se fez das presumidas origens de “nossa” civilização. No gesto de escrever a biografia de si mesmo ou, mais precisamente, na tentativa de traçar a história de sua própria relação com a biografia, o Ocidente parece querer dissimular sua própria incompreensão: os dados que citamos sobre os evangelhos estão há séculos à disposição de qualquer erudito, até chegar às pesquisas mais recentes dentro dos estudos bíblicos²³ que lembraram mais uma vez, de uma maneira incontestável, o caráter *biográfico* dos relatos evangélicos. E, apesar disso, o mundo ocidental sempre esqueceu que, nas bases de sua civilização, não se acha um poema mitológico qualquer sobre as gestas dos deuses, nem uma obra épica (a *Odisseia* de Homero como pensava Vico), e tampouco se acham códigos propriamente jurídicos. Há, pelo contrário, quatro breves biografias, quatro relatos biográficos de uma mesma pessoa, um indivíduo bastante humilde, que parece ter vivido tão somente três decênios, que foi reconhecido como o Deus encarnado, e que não deixou nenhum traço escrito fora estas quatro biografias.

A civilização europeia esteve e continua obcecada há dois mil anos pela biografia e pelo mito da biografia. Nossa cultura – pode-se dizer sem nenhum exagero – é a civilização que nasceu de quatro biografias míticas, a civilização que fez da biografia um mito ou, melhor dito, a forma suprema do mito, o discurso sagrado *par excellence*.

22. Trata-se também de uma das formas literárias da antiguidade que pode se jactar de ser a mais imitada: com certeza é o texto biográfico mais praticado na Antiguidade: no período entre 50 e 400 d.c. há cerca de 50 obras «evangélicas» de formatos diferentes, capazes também de focar somente a infância ou, como em Suetônio, de se despedir da ordem cronológica e tentar extrair a espécie, a forma de vida. Cf. CANCIK, Hubert. “Die Gattung Evangelium. Das Evangelium des Markus im Rahmen der antiken Historiographie“, in *Markus-Philologie. Historische, literargeschichtliche und stilistische Untersuchungen zum zweiten Evangelium*, 1984, p. 85-113.

23. TALBERT, Charles H. *What is a Gospel? The Genre of the Canonical Gospels*, 1977; Id., *Biographies of Philosophers and Rulers as Instruments of Religious Propaganda in Mediterranean Antiquity*, in ANRW II, 16.2, 1978, p. 1619-1651; DORMEYER, Detlev. *Evangelium als literarische und theologische Gattung*, 1989; e sobretudo a obra-prima de BURRIDGE, Richard A. *What Are The Gospels? A Comparison with Graeco-Roman Biography*, 2004.

24. Pode-se pensar nas palavras de Cornelius Nepote: *Pelopidas* 16,1,16 : *vereor ... ne non vitam eius enarrem sed historiam videar scribere.*

25. WILAMOWITZ, Ulrich von. *Plutarch als Biograph*, in *Reden un Vorträgen*. 2. Band, 1926, p. 264 : «*Der Bios eines Menschen ist durchaus nicht sein Lebenslauf, nicht was er erlebt, sondern wie er lebt*». Dito isto, seria interessante escrever um dia sobre a única, estranha e absurda forma de biografia que as Academias consideram científica, a única forma em que a verdade biográfica é alcançável e realizável segundo as instituições modernas.

26. Cf. BURRIDGE, Richard A, op. cit.

27. Há outro elemento, mais interessante ainda: se trata de um dos raros casos de biografia múltipla para um mesmo personagem (normalmente a biografia na Antiguidade era sempre múltipla mas no sentido de que eram múltiplos os personagens). Desde sempre, este elemento foi problemático (pense-se em Agostinho) e os teólogos tentaram compreender as relações recíprocas e as causas das diferenças e das proximidades dos três evangelhos. O problema não é somente teológico mas também filológico. Cf. os importantes estudos de MERKEL, Helmut. *Die Widersprüche zwischen den Evangelien: Ihre polemische und apologetische Behandlung in der Alten Kirche bis zu Augustin*, 1971 e *Die Pluralität der Evangelien als theologisches und exegetisches Problem in der alten Kirche*, 1978.

Há muitas evidências, de ordem retórica, literária, cultural e sobretudo teológica, sobre a natureza biográfica dos textos evangélicos que não somente *são* mas que tampouco podem ser senão biografias. De um ponto de vista puramente formal têm, com efeito, todos os elementos retóricos que caracterizam a biografia antiga: a proximidade mas também a distância do gênero historiográfico²⁴. Como em Plutarco – que, como vimos, nota-o no princípio da vida de Alexandre – existe também nos evangelhos o esforço de extrair e reproduzir uma forma de vida sem se limitar a redigir uma crônica dos acontecimentos. Para os evangelhos então vale o que Wilamowitz havia observado a propósito de Plutarco: que a ideia do *bios*, no mundo antigo “não era um *Lebenslauf*, um *curriculum vitae*, nem tampouco o que ocorre a alguém, mas como alguém vive”²⁵. Nos evangelhos existem os *apophthegmata*, as formas gnômicas, que permitem aproximá-los do gênero literário das *chriae*, dos exemplos [*paradeigmata*] que os emparenta com as obras morais ou parenéticas, mas também se acham elementos encomiásticos que são próprios da tradição da *laudatio* (pense-se no *Agrícola* de Tácito). Neles se pode encontrar também, como no gênero do *exitus illustrium virorum*, uma atenção particular dirigida à morte, e a sua fenomenologia. Registra-se também uma relação essencial com as anedotas, o que era, por exemplo, muito típico no *bios* dos filósofos e dos sábios²⁶.

Sobretudo, eles foram compostos exatamente na mesma época em que teve lugar a maior revolução da biografia antiga: se levamos em conta os evangelhos apócrifos, pode-se dizer que o gênero evangélico contém obras perfeitamente contemporâneas a Plutarco e Suetônio. Como se pode ver, há muitos elementos e é somente o preconceito da separação do mundo greco-latino em relação ao universo cristão o que produziu este estranho esquecimento que sempre permitiu aos historiadores passar de Plutarco às hagiografias, esquecendo a origem de tudo isto²⁷.

A questão, no entanto, não é meramente filológica e retórica (nem poderia sê-lo), mas também cultural e teológica. No contexto do judaísmo do Segundo Templo, o gênero biográfico viveu um renascimento efêmero exatamente ao mesmo tempo em que os evangelhos foram escritos, e feneceu provavelmente por causa da competição com esta nova religião gêmea. Um exemplo desta atenção à biografia se pode encontrar no Fílon de Alexandria que não somente escreveu biografias, como tentou demonstrar que a biografia é um dos estilos retóricos da Torá. Em seu *De praemiis et poenis*, por exemplo, Fílon escreve que

os oráculos do profeta Moisés são de três gêneros [*ideai*]: um pertence à criação, o outro é histórico, e o terceiro é a legislação [*nomothetikê*]. [...] E o gênero histórico consiste no relato das vidas virtuosas e das vidas viciosas [*anagraphê bion esti spoudaiôn kai ponêrôn*], com as punições e os prêmios que sancionaram umas e outras em todas as gerações.²⁸

E em sua vida *De vita Mosis*, uma das obras biográficas mais interessantes da Antiguidade (também descuidada pelos filólogos clássicos), Filon elogia Moisés por sua capacidade de fazer linguagens distintas falarem à lei, um idioma propriamente jurídico do mandato e da interdição e um mais narrativo que se expressa na parte histórica da Torá, que compreende «a criação do mundo, e as biografias [*to genealogikon*]»²⁹. Filon é o autor de outras duas biografias, o *De Josepho* [*Bios politikou hoper esti peri Iôsêph*] e o *De Abrahamo* [*Bios sophou tou kata didaskailan teleiôthentos hê nomôn agraphôn (to prôton) ho esti peri Abraam*]. Neste último texto, Filon desenvolve uma teoria da biografia, explicando que o gênero biográfico na Torá permite examinar «os arquétipos da lei», ou seja «quem, entre os homens, tinha uma vida irretocável e perfeita». A lei não faz outra coisa que transmitir as virtudes dos homens irretocáveis para iluminar e «estimular os leitores a levar a mesma vida». Elas foram incluídas «para demonstrar que os mandatos divinos não estão em desacordo com a natureza» e para mostrar que não é difícil obedecer a lei, dado que houve homens que foram capazes de encarnar a lei antes que a lei fosse algo escrito³⁰.

Segundo Filon, a Torá, a lei, é o relato biográfico «destes homens» que, ele acrescenta, «são as leis viventes, com efeito, as leis dotadas de razão [*hoi gar empsuchoi kai logikoi nomoi*]»³¹. Neste sentido, continua Filon, «as leis estabelecidas, não são senão os comentários da vida dos antigos, a arqueologia de suas obras e das palavras que usaram [*hypomnêmata einai biou tôn palaion, archaiologountas erga kai logous hois echrêsanto*]»³². As leis são comentários [*hypomnêmata*] da vida de homens antigos: se toda norma tem que existir como vida antes de se transformar em letra e mandato, a lei em si mesma tem de ser uma biografia. Se toda lei na tradição judia é um *midrash*, uma *deuterôsis*, neste caso (exatamente como na lógica que está em jogo nos evangelhos) é uma *deuterôsis*, um *midrash* de uma vida individual³³. Fazendo da biografia um dos estilos da lei, Filon antecipa a dualidade que marcará todo o Talmud, e a experiência jurídica judia, a da coabitação entre *Halakhah* e *Haggadah*, entre mandato e anedota³⁴.

O cristianismo resolverá esta oposição: abolirá a dualidade de lei e vida ou de mandato e anedota, porque o Messias que vem para cumprir a lei em si mesmo, e para fazer de sua

28. Filon de Alexandria, *De praemiis et poenis*, § 1-2, 1961, p. 42.

29. Filon de Alexandria, *De vita Mosis*, 1967, p. 211-213.

30. Id., *De abrahamo* § 3-6, 1966, p. 23-5.

31. Ibidem, 25. Cf. também Filon de Alexandria, *De decalogo*, 1965, p. 38 onde Filon fala «dos homens sábios, que fundaram nossa cidade e que as Santas Escrituras designam como leis não escritas». Trata-se, como é sabido, de um tema de origem platônica (*Pol.* 292 sq.). Cf. também *De migratione abrahamo*, § 130, 1965, p. 176: «as palavras do Deus são as ações do sábio» [*tous tou theou logous praxeis einai tou sophou*].

32. Ibidem.

33. STROUMSA, Guy. *La fin du sacrifice*, 2005.

34. BIALIK, Chaim Nachman. “Halacha und Aggada”, *Der Jude* 4, 1919-20, p. 61-72.

35. Para uma profundíssima análise das consequências metafísicas desta identificação cf. LUDUEÑA Romandini, Fabián. *La comunidad de los espectros. I Antropotecnia*, 2010. [Ed. bras.: *A comunidade dos espectros. I Antropotecnia*. Trad. Alexandre Nodari/Leonardo D'Ávila de Oliveira. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012].

vida a Torá, não deixa atrás de si outra coisa que sua própria vida³⁵. Há então uma espécie de *necessidade teológica* de que o evangelho seja uma biografia: um Deus que diz de si mesmo «eu sou a vida, a verdade e o caminho» (João 14, 6) *tem* que se manifestar de forma biográfica. Se o caminho é sua vida, então a verdade não pode ser outra coisa que o relato desta vida. O cristianismo opera uma verdadeira e própria revolução “mediática” enunciada com a máxima precisão pela *Epístola aos Hebreus*: Deus não se manifesta mais «por meio dos profetas», e fala sim «por seu Filho, mediante o qual criou os mundos e ao qual fez herdeiro de todas as coisas» (1, 1-2). A «palavra de Deus» que é o mandato supremo, a Lei *par excellence* mediante a qual se produziu o mundo, não é uma voz humana mas *uma vida singular*. O ato de *recolher* esta palavra [*condere legem*] que foi uma vida individual com um caráter específico, uma série de façanhas peculiares, uma série de costumes adquiridos no tempo, e tudo o que caracteriza o curso de uma vida, não pode se dar senão sob a forma de uma biografia.

Cristo concilia em seu próprio corpo lei e vida. E a esta conciliação de ontologia e jurisprudência corresponde a conciliação retórica dos dois estilos da lei que agora se reduzem a uma série de anedotas, de *aggadoth* sobre a vida da lei. A lei se fez *biografia*, um conjunto de anedotas sobre um homem que, de resto, passa seu tempo contando anedotas, *mashalot*. Todo evangelho – quer dizer, cada um dos relatos biográficos mais importantes do Ocidente – é então a rigorosa tentativa de demonstrar que a lei já existiu como vida, e que se pode escrever somente como biografia deste homem. E a demonstração é conduzida em um nível teológico e também retórico: a lei pode ser dita, mas tem que contar uma vida.

A «opção biográfica» não foi e não podia ser uma escolha arbitrária dos evangelistas: a nova lei do messianismo cristão, o novo pacto [*kaine diathêkê*] tinha que ser um pacto biográfico. No entanto, as consequências desta opção, e o novo rosto de uma lei que segundo os cristãos funda toda outra norma, toda outra forma de direito terrestre, não são poucas. Em primeiro lugar, a lei tem agora um nome (o de *evangelion*, boa notícia, anúncio) que bem poderia figurar como a manchete de um jornal: o código jurídico do Ocidente cristão greco-latino – e o primeiro código jurídico de nossa civilização – parece coincidir com uma estranha forma de jornalismo superior, que impõe a tarefa de narrar a vida de um homem. Enunciar a lei suprema significou na Europa, durante séculos, narrar anedotas sobre Deus, com certo respeito talvez, mas sem mudar de estilo. E, ao contrário, narrar anedotas, rumores sobre alguém, significa fazer algo muito próximo ao direito, ainda que se trate de um direito confundido com a mitologia. A teologia – a «fala sobre Deus» – é em primeiro lugar a ciência das anedotas

sobre a divindade. E se o discurso sobre Deus é sua biografia, toda biografia não poderá senão ser, em certa medida, também mitografia e, talvez, por isso mesmo, já mentirosa.

Se não podemos deixar de falar todo o tempo da vida de outros homens, de disseminar *gossips*, rumores, é também porque estamos acostumados a falar de Deus, do mais alto e mais nobre dos objetos de fala – *id quod maius cogitari nequit* – sob a forma de um rumor biográfico. Neste sentido, o direito ocidental foi muito mais extravagante do que se imagina. Seu oráculo, à diferença do de Delfos, conta fofocas o tempo todo.

5.

«Quem se torna biógrafo se obriga à mentira, ao segredo, à hipocrisia, à idealização e também à dissimulação de sua própria incompreensão, porque a verdade biográfica não se pode alcançar, e mesmo se fosse alcançada, não poderia ser utilizada». Negar o valor de verdade de um relato biográfico não significa somente por em dúvida a possibilidade da psicanálise, da política, da literatura. Significa denunciar como mentira, idealização e dissimulação aquela que foi, por séculos, a forma suprema da lei e do direito. E significa sobretudo realizar uma crítica muito mais sutil do que aquela que fizeram a esquerda hegeliana e depois Nietzsche em relação aos textos fundadores do cristianismo ou, para dizê-lo melhor, da primeira e suprema forma de teologia. Não se tratará de denunciar em Deus uma projeção alienante de qualidades «humanas, demasiado humanas», e nem sequer de proclamar a morte de Deus. Trata-se de bloquear o mecanismo retórico e teológico fundamental do messianismo cristão, a primeira forma de revelação do Deus, sua biografia sagrada.

Sempre se apresentou a encarnação – que é a causa e a cifra da «redução biográfica» da teologia cristã – como uma escolha de amor, de doação total e integral, de esvaziamento e *kenosis* do Deus em favor dos homens. No entanto, há uma certa perversidade na decisão de um deus de se fazer *homem*. Não somente, no sentido mais banal, e muitas vezes repetido, de que toda inclinação e amor pelo que está por baixo de alguém é uma forma de perversão. Obrigar-se a um devir homem significa obrigar-se a morrer, além de nascer. E morrer significa, de fato, excluir do conhecimento direto de sua pessoa a todos os homens que não lhe são contemporâneos. Significa, além do mais, não somente condenar os antigos à ignorância, mas sobretudo os modernos, os que nascerão mais tarde, a só poder

saber *algo* da existência, da vida, da encarnação somente por meio de uma biografia. A encarnação é o que obrigou a Europa a falar de Deus somente mediante um estilo biográfico: a vinda de Cristo – e do messianismo – leva os membros da humanidade a «obrigar-se a se tornar biógrafos de Deus». Quer dizer, ela *obrigou* a Europa e o Mundo inteiro «à mentira, ao segredo, à hipocrisia», a cada vez que se tentou ditar lei. Encarnando-se, Deus obrigou a humanidade a contar mentiras sobre si mesmo, constrangeu os homens a serem hipócritas sobre o que há de mais alto e importante, destinou a Terra a um eterno carnaval da dissimulação.

Há uma sutil maldade na escolha divina de se encarnar: porque graças a esta decisão o direito do Ocidente se transformou em um monte de rumores, e a política dos homens em uma comédia de equívocos. Pois, «todos os conceitos sobresalentes da moderna teoria do Estado são conceitos teológicos secularizados»³⁶. E a teologia, no Ocidente, sempre foi a forma suprema da biografia.

Referências:

- ARRIGHETTI, Graziano (ed). *Aspetti di Hermann Usener, filologo della religiones*. Pisa: Giardini, 1982.
- BIALIK, Chaim Nahman. “Halacha und Aggada”, *Der Jude* 4. 1919-20.
- BURRIDGE, Richard A. *What Are The Gospels? A Comparison with Graeco-Roman Biography*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2004.
- BRUNS, Ivo. *Das literarische Porträt der Griechen*. Berlin: W. Hertz, 1896.
- _____. *Die Persönlichkeit in der Geschichtsschreibung der Alten. Untersuchungen zur Technik der antiken Historiographie*. Berlin: W. Hertz, 1898.
- CANCIK, Hubert. “Die Gattung Evangelium. Das Evangelium des Markus im Rahmen der antiken Historiographie ». In: *Markus-Philologie. Historische, literargeschichtliche und stilistische Untersuchungen zum zweiten Evangelium*. Tübingen: Mohr, 1984.
- COURCELLE, Pierre. *Connais-toi toi-même de Socrate à Saint Bernard*. Paris: Etudes Augustiniennes, 1974-1975.
- D’ALBERTO, Francesca. *Biografia e filosofia : la scrittura della vita in Wilhelm Dilthey*. Milano: Franco Angeli, 2005.
- DIHLE, Albrecht. *Studien zur griechischen Biographie*. Göttingen: Vandenhoeck u. Ruprecht, 1970.
- _____. *Die Entstehung der historischen Biographie*. Heidelberg: Winter, 1987.
- DORMEYER, Detlev. *Evangelium als literarische und theologische Gattung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1989.
- EHLERS, Widu-Wolfgang (ed.). *La Biographie antique*. Entretiens sur l’antiquité classique, 44. Vandoeuvres-Genève: Fondation Hard, 1998.
- ERLER Michael ; SCHORN Stefan. *Die griechische Biographie in hellenistischer Zeit*. Berlin: De Gruyter, 2007.
- FÍLON de Alejandría. *De praemiis et poenis*. Paris: Édition du Cerf, 1961.
- _____. *De decalogo*. Paris: Les éditions du Cerf, 1965.

____. *De migratione abrahami*. Paris: Les éditions du Cerf, 1965.

____. *De abrahamo*. Paris: Édition du Cerf, 1966.

____. *De vita Mosis*. Paris: Édition du Cerf, 1967.

FREUD, Sigmund; ZWEIG, Arnold. *Briefwechsel*. Frankfurt: Fischer, 1984.

GALLO, Italo. *La biografia greca: profilo storico e breve antologia di testi*. Salerno: Rubbettino, 2005.

LEO, Friedrich. *Die griechisch-römische Biographie nach ihrer litterarischen Form*. Leipzig: Teubner, 1901.

LORIGA, Sabina. *Le petit x. De la biographie à l'histoire*. Paris: Le Seuil, 2010.

LUDUEÑA Romandini, Fabián. *La comunidad de los espectros. I Antropotecnia*. Buenos Aires: Miño y Davila, 2010.

MERKEL, Helmut. *Die Widersprüche zwischen den Evangelien: Ihre polemische und apologetische Behandlung in der Alten Kirche bis zu Augustin*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1971.

____. *Die Pluralität der Evangelien als theologisches und exegetisches Problem in der alten Kirche*. Bern: Peter Lang, 1978.

MISCH, Georg. *Geschichte der Autobiographie* IV Bde. Frankfurt am Main: Schulte-Bulmke, 1969 (1907^o).

MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Development of Greek Biography. Four Lectures*. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 1971.

____. “L’idea di biografia nel pensiero greco”, en *Quaderni urbinati di cultura classica*, 1978, p. 27: 7-27.

____. *Storia e biografia nel pensiero antico*. Roma-Bari: Laterza, 1983.

____. “Marcel Mauss e il problema della persona nella biografia greca”. In: *Ottavo contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico*. Roma: Edizione di storia e letteratura, 1987.

____. “Ancient Biography and the Study of Religion in the Roman Empire”. In: *Ottavo contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico*. Roma: Edizione di storia e letteratura, 1987.

PROUST, Marcel. *Le temps retrouvé. À la recherche du temps perdu*. Paris: Gallimard, 1989.

SCHMITT, Carl. *Teología Política*. Buenos Aires: Editorial Struhart y Cía, 2005.

SCHNELLE, Udo. *Einleitung in das Neue Testament*. Göttingen, Vandenhoeck u. Ruprecht, 2011.

STROUMSA, Guy. *La fin du sacrifice*. Paris: Odile Jacob, 2005.

TALBERT, Charles, H. *What is a Gospel? The Genre of the Canonical Gospels*. Philadelphia: Fortress Press, 1977.

_____. *Biographies of Philosophers and Rulers as Instruments of Religious Propaganda in Mediterranean Antiquity*. In: ANRW II, 16.2. 1978, p. 1619-1651

TRÄNKLE, Hermann. “*Gnothi seauton*. Zu Ursprung und Deutungsgeschichte des delphischen Spruchs”. In: *Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft*, 1985.

WILAMOWITZ, Ulrich von. *Reden un Vorträgen*. 2. Band. Berlin: Weidmann, 1926.